

Lúisa Antunes Paolinelli
Ana Cristina Trindade

COORD.

Adieu por
Hoje...

Cartas de Lúzia
para
Fernanda de Castro
e
Antônio Ferro



Edições Colibri

Adieu por hoje...

Cartas de Luzia para

Fernanda de Castro e Antonia Ferao



Lúisa Antunes Paolinelli
Ana Cristina Trindade

COORD.

Adeus por Hoje...

CARTAS DE LUZIA PARA
FERNANDA DE CASTRO E
ANTÓNIO FERRO



Esta publicação é financiada por fundos nacionais através da FCT
– Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P.,
no âmbito do projecto UIDB/00077/2020.

Título: *Adeus por Hoje...*

Cartas de Luzia para Fernanda de Castro e António Ferro

Coordenação: Luísa Antunes Paolinelli e Ana Cristina Trindade

Cartas: © Fundação António Quadros

Editor: Fernando de Mão de Ferro

Transcrição e notas: Ana Cristina Trindade, Elaine Prado dos Santos,

Cátia Vieira Pestana, Luísa Antunes Paolinelli, Mafalda Ferro

Fixação do texto: Lúcia Cristina della Torre

Capa: Raquel Gil Ferreira

ISBN 978-989-566-428-3

Depósito legal n.º 534 397/24

Lisboa, julho de 2024

CARTAS DE LUZIA PARA FERNANDA DE CASTRO – UMA INTRODUÇÃO

Ana Cristina Trindade

(CLEPUL, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa)

Luísa Antunes Paolinelli

*(CLEPUL, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa;
Universidade da Madeira)*

Luísa Susana de Freitas Lomelino Grande (1875-1945) foi uma escritora portuguesa com especial ligação à Madeira que, podendo reivindicar um merecido lugar no panorama literário nacional do século XX, teve a primeira obra publicada apenas em 1920, quando a autora já contava 45 anos. O tardio aparecimento deste livro, *Os que se Divertem*, não significa, contudo, que Luísa Grande não recorresse à escrita em períodos muito anteriores, como o demonstra o seu *Diário (Diário de Luzia: Caminhos da Vida, Um Jornal*, coord. Ana Cristina Trindade e Luísa Antunes Paolinelli, Lisboa, Livros Horizonte, 2023), recentemente editado, que cobre o período de 1902 a 1915, nem lhe impede a construção de uma verdadeira carreira nas letras, documentada pela vinda a público de outras oito obras.

A vida de Luzia, não obstante o seu estatuto social – que lhe permitiria levar uma existência ocupada sobretudo por atividades características do mundo que frequentava – refeições, chás, jogos de *bridge*, viagens, bailes –,

não foi, no entanto, um apazível transcurso pelo tempo. Antes pelo contrário, e apesar de as atividades referidas estarem presentes no seu quotidiano, a existência da autora foi muito mais marcada por perdas, dolorosas e pungentes, que se sucederam e lhe marcaram indelevelmente a vida.

A primeira ocorreu logo no momento do nascimento, em Portalegre, quando perde a mãe, a madeirense Luísa de Freitas Lomelino, filha do morgado da Quinta das Cruzes, pertencente, portanto, à melhor sociedade madeirense e de quem herda o acesso inegável às elites insulares. O pai, Eduardo Dias Grande, que provinha de uma família brasonada de Portalegre, foi para a Madeira como Secretário-geral do Governo Civil do Distrito do Funchal, e da sua presença na Ilha resultou o casamento com D. Luísa de Freitas Lomelino. O casal, acompanhado da filha mais velha, natural do Funchal, acabaria por se mudar para Portalegre, onde se dá o nascimento de Luísa Grande. O pai contraía, entretanto, uma doença pulmonar e a busca pelo alívio dos sintomas levou ao seu regresso ao Funchal, onde foi viver na quinta das Cruzes (hoje, Museu Quinta das Cruzes), na companhia da filha. Tinha a menina nove anos quando sofre a sua segunda grande perda – a morte do pai, vítima da doença que o afligia, circunstância que a obrigou a regressar ao Alentejo, onde ficou junto de tios paternos até ter idade para ir para Lisboa estudar no colégio religioso das Salésias.

Completada a sua educação, permaneceu na capital, em casa de uns parentes madeirenses, os viscondes de Geraz de Lima, até regressar à Ilha onde se casou com Francisco de Vasconcelos, filho do último morgado do Jardim do Mar. Este matrimónio veio a revelar-se infeliz e sem geração – o que, não sendo propriamente uma perda, porque não se perde o que nunca se teve, não deixa de ser uma ausência à qual Luísa será muito sensível. A deterioração das relações do casal culminou em divórcio, que passara a ser possível com a República, o que, mais uma vez, configura uma nova perda para a autora, particularmente difícil porque não só desagradava às suas convicções religiosas, como fora antecedida da humilhação pública promovida pelo marido que se passeava pela cidade na companhia da amante que já lhe dera filhos.

O choque deste acontecimento foi tão profundo que Luísa se ausentou da Madeira por um período de cerca de dez anos, conforme ela

afirma na carta que, a 3 de abril de 1931, envia a Fernanda de Castro e, mesmo depois disso, continuou a passar grande parte do seu tempo em Lisboa e em França, seu país predileto e no qual procurava alívio para os muitos males psicológicos e físicos que a afligiam.

Além dos desgostos, ou talvez também por causa deles, Luísa foi uma mulher que, nas suas próprias palavras, sofria de inúmeras doenças: neurastenia, artrite, conjuntivite, *angina pectoris*, eczema, urticária, enxaqueca, zona, nevralgia nos olhos – esta última talvez a que mais a prejudicou, porque desde relativamente nova teve problemas de visão. As termas e os Pirenéus franceses faziam parte do seu plano de recuperação.

A extração social e a educação que recebeu fizeram de Luísa uma mulher politicamente monárquica e socialmente conservadora. No *Diário* já referido é evidente a sua postura “talassa”, designação que então se aplicava aos monárquicos, que se traduz, por exemplo, nas saudades que manifestava da bandeira azul e branca, ou na designação de “estafermo” aplicada a um indivíduo vestido de vermelho e verde que encontrou no Palácio de S. Lourenço¹. Não é, porém, menos evidente uma outra característica muito sua que é a de ser um espírito rebelde, independente, não alinhado, conforme se constata a partir da narrativa de um episódio descrito no *Diário* em que, ao cruzar-se com um “mulherio” talassa que vituperava os republicanos para os quais pedia a força, não resistiu à tentação de gritar “Viva a República!”²

Este espírito de independência e de amor à liberdade continua presente nas cartas a Fernanda de Castro, nas quais se manifesta sobretudo a propósito da rejeição do Estado Novo, regime muito da predileção da amiga, casada com António Ferro, o homem que liderava o Secretariado da Propaganda do salazarismo. Isto mesmo é bem claro na carta datada de 19 de outubro de 1938 que de Paris remete à amiga e na qual diz textualmente o seguinte: “É só porque não gosto do fascismo. Ah! Quanto a isso desengane-se de me converter. Nunca serei fascista. Graças, mil graças a Deus, nasci com instintos irredutíveis de independência

¹ *Diário de Luzia: Caminhos da Vida, Um Jornal*, coord. Ana Cristina Trindade e Luísa Antunes Paolinelli, Lisboa, Livros Horizonte, 2023, p. 293.

² *Idem*, p. 248.

e liberdade, quero pensar pela minha cabeça, guiar-me pelos meus olhos. [...] ...e basta-me ver esboçar um grande gesto pretensioso... para ter um desejo louco de fazer o outro, o que mostrou o punho, aquilo que acima de tudo abomino na terra: a tirania humana, o direito do mais forte sobre o mais fraco” (Carta n.º 14).

Em fevereiro de 1939, presentindo o início da guerra, diz-se “...triste, com estes acontecimentos tristes que vão pelo mundo. A pata de Hitler esmagando tudo e os outros sem reagir... que vergonha! Que abjeção” (Carta n.º 18). E acrescenta: “Daqui [da Madeira] fogem espavoridos todos os ingleses, procuram reintegrar os seus *homes* antes que rebente a guerra, mas penso que não haverá guerra. A Inglaterra, Chamberlain, tudo continuarão a engolir. Têm goelas de patos”.

Este comentário pouco abonatório para os britânicos não é único e traduz uma posição crítica em relação à Grã-Bretanha que aflorará noutros momentos, como naquele em que declara saber que tanto alemães como ingleses namoram a França, considerando, no entanto, que ainda “...acha piores os hipócritas britânicos... Mr. Churchill, num palavreado, numa fanfarronice que até parece espanhol – e venha de lá alguma coisa de jeito!” (Carta n.º 29) Os adeptos da Alemanha também não lhe escapavam e quando se refere ao facto de Lisboa estar cheia de germanófilos, acrescentava que “Aqui também os há, entre meninos patetas e *snobs* que o julgam do último bom tom” (Carta n.º 24).

O seu grande desgosto com a guerra está, no entanto, ligado à França, conforme se vê numa carta datada de 3 de novembro de 1939: “Vivo com a França no coração e mandando Hitler para o diabo...mas ele não vai”, ao que acrescenta, a 18 de junho de 1940: “Julguei que já não tinha lágrimas para chorar pela França, minha querida pátria, se a pátria se escolhesse”.

Em relação à posição neutral que Portugal mantém na guerra tem de reconhecer que a diplomacia do regime deve ser louvada, embora isso não diminuísse o pouco apreço que nutria por Salazar que considerava ter “um coração de gelo” por nunca se condoer da situação de miséria aflitiva em que vivia a Madeira. A 19 de julho de 1940 não se eximia de exclamar “Pagar, sempre pagar! É o nosso ofício desde que o Fuhrer português nos rege!”, e a 5 de março de 1940, informava Fernanda de Castro

de lhe estar a escrever “...de uma ilha onde se morre à fome, e os que alguma coisa querem fazer são ainda paralisados pelo governo”, recordando que os hotéis tinham proposto continuar abertos apesar de terem poucos clientes para evitar aumentar o desemprego, em troca de uma pequena diminuição dos impostos, “o que o Todo Poderoso imediatamente recusou; não é ele que sofre, não é ele que passa fome!” (Carta n.º 26)

A relação de Luísa com a Madeira é, porém, bastante ambivalente. Se, por um lado, a acha um paraíso de beleza natural e de clima, por outro afirma que fica na Madeira “...presa a não sei o quê”, já que os madeirenses do seu tempo e seus amigos “estão no cemitério, os outros... não gostam de mim, e eu pago-lhes na mesma moeda” (Carta n.º 24).

Uma outra das razões para o seu desgosto com a Ilha prende-se com o ambiente cultural do meio que considera deplorável. A 15 de fevereiro de 1935, desabafava com a amiga Fernanda: “A minha ilha não é muito intelectual, dança, joga ténis e toma cocktails muito mais do que lê”. A ideia é confirmada a 18 de fevereiro de 1938 quando, perante o envio de alguns poemas por parte de Fernanda de Castro, agradece pelo bem que aqueles fazem numa ilha “desterrada de todas as coisas do espírito, porque a Madeira e o espírito há muito se divorciaram. Nem eu mesma sei como nesta estuprificante atmosfera ainda tenho coragem para trabalhar”.

Luísa não está sozinha nesta apreciação do ambiente cultural vigente na Madeira, porque já em 1924 João Cabral do Nascimento, intelectual madeirense admirado por ela, dizia no *Diário de Notícias*, de 26 de janeiro (p.1), que “...a nossa melhor sociedade é uma trapalhada heterogénea vivendo entre foxtrots, cocktails e partidas de bridge, ignorando se D. Afonso Henriques foi o fundador da nacionalidade portuguesa ou o inventor da jazzband”, o que demonstra que o intervalo de 20 anos que separa as duas observações não foi suficiente para minorar a sensação de pobreza cultural partilhada pela intelectualidade insular.

Para minorar os efeitos desta pobreza, Luísa pedia sem cessar a Fernanda de Castro o envio de livros, livros e mais livros que ia comentando à medida que lia, exprimindo a sua opinião de forma sincera, aprovando uns, criticando negativamente outros, como acontece com a *Magie Noir* de Paul Morand que a deixou “estarcida” pela excessiva

presença de negros e lhe merece o comentário final de “Apre! com tanto preto!” (Carta n.º 4) A assunção muito natural daquilo que hoje seria considerado um racismo intolerável mostra o lado mais conservador de Luísa Grande, mas a candura com que assume a sua posição revela também que estava perfeitamente alinhada com o seu tempo no que a esta matéria dizia respeito. Este sentimento de rejeição do diferente volta a manifestar-se no comentário que lhe merece *Música ao Longe* de Érico Veríssimo, obra que considerou “uma maravilha”, lamentando apenas que estivesse escrita “em língua de preto. Apetece-me traduzir” (24 de outubro de 1943).

A Madeira, apesar de considerada uma desilusão intelectual, é um tema que frequentemente lhe chama a atenção, quer seja para revelar a situação de miséria em que vive o povo, quer para criticar as ações praticadas no campo do urbanismo pelo presidente da Câmara Fernão de Ornelas, que a atingem profundamente. O jovem autarca que interveio, de facto, de forma decidida e irreparável na cidade, afeta-a tanto que afirma, a 5 de março de 1943: “Eu só queria cortar a cabeça a este Presidente da Câmara, um João Ninguém que nada sabe, nada viu e tudo decide a seu bel-prazer, gastando, esbanjando e, o que é pior, destruindo... Às vezes até me apetece escrever a Salazar!” Anos antes tinha-o considerado um “Nero” a quem faltava apenas a harpa e o incêndio e que não se detinha perante nada, chegando a considerá-lo assassino porque se teriam perdido vidas de indivíduos que não resistiram a serem arrancadas “dos tetos que sempre os acolheram” (30 de outubro de 1931).

Luísa Grande, que faleceu a 10 de dezembro de 1945, viveu o suficiente para assistir ao fim da guerra que tanto a afligira, mas os seus últimos tempos, com o agravamento do estado geral de saúde, foram-lhe muito penosos. A 13 de setembro de 1945 escrevia a derradeira carta a Fernanda de Castro e nela dizia que nem o fim da guerra a consolara: “A vida não se fez para os mortos, e eu já morri. Já não posso ser de este mundo. É cruel demais para mim”.

E assim, aos 70 anos, Luísa Grande deixava esta vida, que percorreu quase sempre em sofrimento, sobrevivendo como podia, agarrando-se à escrita como a uma tábua de salvação, mas ostentando orgulhosamente a

sua independência, assumindo sempre com coragem as posições que considerava corretas, mesmo que isso a fizesse correr alguns riscos, designadamente os de ver a sua correspondência visada pela censura, como de facto aconteceu (e que só chegou à destinatária por causa da posição do marido de Fernanda de Castro e do estratagema de envio em nome de António Ferro: na carta 30, de 18 de fevereiro de 1941, Luísa escreve: “Vou mandar a carta ao António Ferro, talvez assim escape.”).

O conjunto de cartas que presentemente se publica permite ver um lado mais íntimo, mais secreto, da autora e constatar a sua forma de ver o mundo em geral e a Madeira em particular, num registo bastante original e revelador.

Entre escritoras e mulheres

A correspondência feminina tem vindo nas últimas décadas a constituir uma importante área de investigação que combina dois campos – a epistolografia e os diferentes tipos de comunicação entre escritoras e artistas. Constituinte uma fonte documental relevante, tem sido abordada a partir de diferentes ângulos disciplinares, da história à literatura e à sociolinguística, estimulando, pelo interesse que cria, um sempre maior investimento no trabalho académico de devolução ao público leitor, tanto especialista como não, das cartas escritas privadamente. No campo dos estudos literários, estas são, de facto, um terreno fértil para o equacionar do estatuto das mulheres ao longo dos séculos, tanto cultural como artístico, no interior do panorama da produção literária de uma determinada época. Permitem compreender como se realizavam as ligações entre escritoras, a discussão das propostas literárias, qual o grau de interajuda entre as criadoras, revelando não só as posições femininas, mas também o seu grau de influência, muitas vezes exercido a partir das margens da literatura dita canónica, dominada pelos escritores homens. À falta de uma voz pública que muitas vezes lhes era negada, as mulheres usavam a voz privada, escreviam entre si e encontravam nesse exercício uma forma de afirmação e de força como autoras. Uma voz privada que serviu muitas vezes para traçar a história das ideias e desafiar cânones estreitos e rígidos.

A perspetiva que o estudo da correspondência permite não se limita, no entanto, a questões de género, mas também possibilita equacionar a relação geográfica centro-periferia na história literária portuguesa. O facto de muitas das escritoras habitarem fora dos grandes centros produtores de cultura, colaborando em periódicos e publicando em editoras situadas nas suas cidades e regiões, amplia a lente sobre a literatura nacional. No caso de Luzia, escritora que se move entre a Madeira, Lisboa e Paris, as influências que recebe de várias literaturas permitem demonstrar que o que se considera como periférico não está fora do circuito da receção e produção da alta cultura. Tanto no *Diário* como nas *Cartas*, o panorama que nos chega é o de uma intensa troca de experiências entre a Madeira e Lisboa, acompanhada pelo acesso aos livros mais recentes – quer fruto das amizades literárias, quer devido ao ambiente cosmopolita que se vivia na Ilha – e um contacto constante com o que se fazia em diversas partes do mundo. Há que ter em conta, assim, que mesmo na situação de algum isolamento da Ilha, intensificada pelas circunstâncias ligadas à Segunda Grande Guerra, existe uma relação com o que se produz em Lisboa e nas capitais mundiais, acompanhando Luzia as tendências modernas, o que lhe permite um diálogo transformador que se reflete na originalidade da sua escrita.

A presente obra traz a público a correspondência entre dois dos maiores vultos literários femininos da primeira metade do século XX, Luzia e Fernanda de Castro, permitindo aos leitores o privilégio de não só contactar com o que é revelado das suas personalidades tão distintas, mas também acompanhar a escrita das suas obras, os conselhos que trocam, num verdadeiro espreitar por cima do ombro do que pode ser considerado um laboratório de escrita das autoras. Apesar de só nos terem chegado as cartas enviadas por Luzia à escritora de Lisboa, a quem chamava afetuosamente “Panterazinha”, nome dado pelas amigas mais próximas, não é difícil ouvir a voz de Fernanda de Castro. Luzia fá-la muito viva nas respostas que lhe dava a interpelações que ela lhe teria dirigido, num constante diálogo sobre a literatura, sobre política e sobre a sociedade.

Mais velha vinte e cinco anos do que a sua jovem interlocutora, Luzia tinha já uma carreira afirmada aquando da data da primeira carta que chegou até hoje. Reconhecendo o talento da amiga, nunca deixará

Luzia de a incentivar a escrever, lembrando-a de que a condição de mãe e de figura pública, com diversos empenhos sociais, não poderia ser motivo do sacrifício do que considera ser a verdadeira missão de Fernanda de Castro, a da escrita. O tom que adota, quase de madrinha mais experiente, encantada com as capacidades que reconhece na jovem amiga, nunca a deixa, ainda que aliado a uma humildade e por vezes insegurança quanto ao próprio operado, permitindo-lhe, mesmo com receio de que Fernanda de Castro se ofendesse, conselhos sobre a importância da revisão (e sabemos quanto esta operação era essencial para Luzia, já que na edição do *Diário* ficou evidente o exercício de escrita-reescrita, rasura e nova proposta, que, não raras vezes, não satisfazendo a escritora, era substituída ainda por uma outra), sobre a disciplina necessária para acabar uma obra e sobre os autores a ter em consideração. Não se sabe quanto as quase reclamações que dirigia constantemente a Fernanda de Castro, solicitando-lhe que escrevesse e lhe mandasse o que ia produzindo, influenciou a carreira literária da amiga, mas com certeza representaram um incentivo, um estímulo e uma lembrança constante do valor da sua escrita.

Ao longo das cartas, o papel de autora mais experiente que aprecia a obra da jovem poetisa e escritora Fernanda vai sendo substituído pelo de companheira das letras, num espaço de confidências literárias que envolve igualmente Teresa Leitão de Barros, como revisora e pessoa da confiança de Luzia. É às duas que pede que acabem a obra que tem em mãos e que já não se sente com forças para terminar, numa clara demonstração de segurança nas capacidades artísticas das amigas. Exigente como era, Luzia manifesta, assim, a sua plena admiração pelas duas.

Uma admiração que não deixa de revelar continuamente: a determinada altura, manda às duas um capítulo do seu *Dias que Já Lá Vão* e pede-lhes a opinião, porque reconhece naquela que poderia ser sua filha, Fernanda, e na grande amiga Teresa o olhar qualificado e certo: “Pedi à nossa grande amiga Teresa – a maior e melhor que ambas temos – para lhe ler um capítulo dos meus *Dias que já lá Vão*. Gostarei de saber depois como o achou. “Saudades de um jardim” também faz parte do dito alfarábio, embora já alguém me dissesse que é das piores coisas que tenho escrito...” (Carta n.º 66, [Funchal], 15 de novembro [sem ano]). Do

talento de Fernanda de Castro, Luzia não tem dúvida: é a que escreve com mais charme em Portugal, a melhor poetisa, a escritora mais importante, a que – em verso, prosa ou texto dramático – mais se destaca.

Defende, porque conhece bem a obra de várias escritoras, o papel da mulher na literatura portuguesa e demonstra-se descontente quando a revista *Atlântico* inclui poucas senhoras:

E... porquê tão poucas representantes da literatura feminina, quando as há entre nós que valem a pena ser conhecidas?! Nem a Virgínia de Castro, a Teresa, a Virgínia Vitorino, a Maria de Carvalho e a Clarinha – embaixatriz da graça e...?

Veja se acode ao segundo número que, de resto, entre os homens já conta nomes tão importantes! De mulheres vejo apenas a Raquel Bastos – autora de “Um fiozinho da música”, não é verdade? Acho bem, eu gostei muito do tal “Fiozinho”, mas as outras?! Não me interessam como pessoas, nem todas são minhas amigas, ao contrário, a Fernanda bem sabe; o que digo é por amor da arte, para que o Brasil saiba o que valem, o que podem dar... (Carta n.º 39, 26 de junho de 1942)

É interessante, de facto, como Luzia, que com Virgínia de Castro Almeida tinha até um relacionamento menos bom, defende a inclusão de mulheres numa revista que tendo grandes escritores, deveria também incluir grandes escritoras. É uma posição de defesa da produção feminina, consciente da margem a que muitas vezes é votada. Nas suas *Cartas*, são diversas as referências que faz às colegas escritoras: de Veva de Lima a Laura Veridiana de Castro Almeida, de Raquel Bastos a Maria Franco, de Maria de Carvalho a Carlota Serpa Pinto, da escritora brasileira Maria Amélia Teixeira, fundadora do periódico *Portugal Feminino*, a Sara Carvalho Beirão, para referir apenas algumas. Luzia correspondia-se com muitas delas, conhecia-as de Lisboa ou de Paris, lia-as e, por isso, não poderia aceitar um Portugal feito de escritores homens, quando a produção feminina era tanta e de valor. Aliás, muito tinha aprendido com a necessidade de um espírito de colaboração feminino com quem primeiro a tinha incentivado a escrever, Maria Amália Vaz de Carvalho.

As *Cartas* trazem ao leitor também um mundo de leituras que as duas amigas faziam, num testemunho das influências e das escolhas literárias que foram fazendo ao longo da sua carreira. Destacam-se entre os autores de predileção Katherine Mansfield, a que Luísa chama “a nossa amiga”, René Benjamin, Claude Silve, os escritores da literatura francesa, inglesa, como D. H. Lawrence, e americana. Os navios levavam e traziam livros de Lisboa para o Funchal, numa troca intensa, alimentando a leitura e a escrita. Luísa, no entanto, confessa que as páginas que espera com maior prazer são as de Fernanda de Castro.

Luísa, mesmo escrevendo na condição de amiga de Fernanda, nunca se liberta de Luzia escritora: as suas emoções, ideias, impressões são sempre expressas de uma forma cuidada, literária, inspiradas nas obras epistolares que sempre a acompanharam e formaram a sua personalidade literária. Se no *Diário* se encontram frequentes menções à obra epistolar da Marquesa de Sévigné e à correspondência de Madame du Déffand, em *Cartas d’Uma Vagabunda* confia a sua admiração por Horace Walpole e descreve a sua vida como uma longa carta. Registo datado, marcado pelas referências temporais, muitas vezes a carta para Luísa desprende-se das circunstâncias de espaço e tempo para se demorar nas digressões, nas metáforas requintadas e em pequenos detalhes significativos. Espaço de intimidade, é também o lugar em que Luísa fala consigo própria, procura sentidos para uma vida que vê esgotar-se, sem nunca deixar de ser escritora e de se sentir sujeito e, ao mesmo tempo, personagem que se narra, numa visão de espelho.

Várias das obras de Luzia são realizadas a partir do domínio da técnica de epistológrafa, como é o caso de *Cartas d’Uma Vagabunda* e de *Última rosa (cartas para mulheres)*, o que demonstra justamente esta forma de coexistência de uma identidade dual que caracteriza as *Cartas* – mulher e escritora. Além disso, a correspondência que escreve é destinada a uma amiga que é mulher, mas também é escritora e, por isso, o cuidado que coloca na expressão e no estilo são simultaneamente para a mulher Fernanda/”a pantera” e para a apreciação da escritora/intelectual Fernanda de Castro.

Luzia deixou preparadas para edição cerca de trezentas páginas de cartas que tinha dirigido ao longo do tempo a Laura Veridiana de

Castro, ao escritor Manuel Ribeiro e a outros destinatários. Juntou as cópias das suas cartas sob o título *Correspondências*. Esta escolha demonstra o processo de literarização de um ato íntimo que é a escrita de uma carta, cujo objetivo principal é a comunicação entre duas pessoas, fazendo dela um objeto estético quando trocada entre escritores e, assim, comunicação com todos.